

## **Editorial Vol 18. N. 2 - Reposicionando o ‘periférico’ na Antropologia: trocando olhares sobre problemas sociais indígenas no Brasil e no Canadá**

A ABECAN tem satisfação de apresentar o volume 18, número 2 (29º fascículo) da *Interfaces Brasil/Canadá*, Revista Brasileira de Estudos Canadenses. A edição tem sido viabilizada por meio de uma parceria com o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com o Centro de Artes da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e com o Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos, da Universidade de São Paulo (USP).

A revista publicou três fascículos em 2017 e um em 2018, já relativo ao primeiro quadrimestre do ano. Os quatro fascículos reuniram 33 artigos, 8 resenhas, 4 entrevistas e duas homenagens. Contribuíram para a revista 22 articulistas estrangeiros (sobretudo do Canadá e da França) e 39 brasileiros. Do conjunto de textos publicados, 18 foram escritos em português, 16 em francês, 8 em inglês e um em espanhol.

O número que de momento se apresenta agrega a esse conjunto mais seis artigos, duas entrevistas e duas resenhas, mobilizando cinco autores vinculados a instituições canadenses e 11 ligados a instituições de ensino superior no Brasil. Dos dez textos, sete estão em português e três em inglês.

Em 2017, a revista foi acessada por 6.650 usuários, os quais permaneceram conectados por uma média superior a 3 minutos. Entre 1º de janeiro e 31 de dezembro de 2017, 81% dos acessos partiram do Brasil, 5,85% do Canadá, 2,76% dos Estados Unidos, 1,29% da França, 1,23% de Portugal, e o restante de outros países, como Espanha, Reino Unido, Índia, ... Em 2017, a revista foi chancelada por novos indexadores, com destaque para o DOAJ. A *Interfaces* possui atualmente a chancela de 17 indexadores e listas. Em 2017, além disso, as citações a textos publicados na revista, segundo o Google Scholar, dispararam, alcançando 130. A maior marca até então fora atingida em 2015, com 58 referências. Muitas das novas citações são realizadas em dissertações e teses de doutorado, o que indica que em futuro próximo tendem as mesmas a refletir em ensaios acadêmicos. Textos antigos, publicados no início dos anos 2000, seguem recebendo referências (como

OLIVEIRA, 2001). Há também bom volume de textos recentes sendo citados, como no caso do artigo de Kyria Finardi, Jane Santos e Felipe Guimarães (2016), que já supera a marca de dez referências, reforçando o índice i10. A maior parte das referências vem de textos confeccionados por autores vinculados a instituições brasileiras e são publicados em português. Esse feixe de indicadores sugere que a revista tem potencial de crescimento ainda maior em médio prazo.

O número que se apresenta aos leitores é dedicado ao dossiê **Reposicionando o ‘periférico’ na Antropologia: trocando olhares sobre problemas sociais indígenas no Brasil e no Canadá**, organizado pelos professores Crithian Teófilo da Silva, da Universidade de Brasília, e Frederico de Oliveira, da Lakehead University, Canadá, que comentarão a proposta com mais vagar a seguir. A Editoria da *Interfaces* regozija-se com o resultado alcançado pelos editores convidados e pela excelência da proposta, que ilumina pesquisas de campo e trabalhos de cunho teórico ou crítico recentes, elaborados por antropólogos, que refletem sobre questões indígenas no Brasil e no Canadá. Propiciar e divulgar essa integração entre pesquisadores dos dois países em torno de questões teóricas e empíricas comuns é a missão central da *Interfaces*.

Além disso, na seção de fluxo contínuo Estudos Literários e Culturais, contamos com um artigo do filósofo Erik Bordereau, sobre o conceito de imediação em Bergson, traduzido para o português por Bianca Scliar e Amanda Góis.

Na seção de resenhas e entrevistas, Fábio Vergara Cerqueira e Guilherme Stefan entrevistam Jabr Omar, professor de Economia da UFPel que vive entre o Brasil e o Canadá. Rubelise da Cunha entrevista ainda o escritor indígena, jornalista e diretor de filmes Drew Hayden Taylor. Eloína Prati dos Santos nos oferece uma resenha do livro de Reinaldo José Lopes, *O Brasil antes de Cabral*. Finalmente, Zila Bernd resenha a obra de Robert Dion, *Des fictions sans fiction ou le partage du réel*.

Gunter Axt, editor-chefe

Eloína Prati dos Santos, editora assistente

Fábio Vergara Cerqueira, editor assistente

Monique Vandresen, editora especial de editoração e de impressão

## **Reposicionando o ‘periférico’ na Antropologia: trocando olhares sobre problemas sociais indígenas no Brasil e no Canadá**

A organização do dossiê **Reposicionando o ‘periférico’ na Antropologia: trocando olhares sobre problemas sociais indígenas no Brasil e no Canadá**, acompanha o crescente número de antropólogos e antropólogas que adotam ambos contextos nacionais como base para estudos e reflexões de caráter comparativo sobre problemáticas compartilhadas, assim como para o exercício da reflexividade sobre as próprias trajetórias de formação e estilos de praticar a disciplina.

Ao propormos este dossiê segundo os termos de uma “etnografia das antropologias periféricas”, tal como concebida por Roberto Cardoso de Oliveira e que bem compreenderia as antropologias praticadas no Brasil e no Canadá, buscamos convidar membros destas comunidades de pesquisadores para pensar a singularidade de suas reflexões, pesquisas e práticas etnográficas junto a povos indígenas/Primeiras Nações situados longe dos contextos nacionais originais de formação destes/as pesquisadores/as.

Como indagações iniciais propusemos a (re)consideração do lugar “periférico” atribuído a estas pesquisas, pesquisadores e seus interlocutores indígenas. O contraste original proposto por Cardoso de Oliveira entre centro e periferia se abre ou se expande a situações de uma ordem possivelmente menos direcionada pela epistemologia acadêmica e mais baseada na construção de relacionamentos e prioridades em comum entre antropólogos e sociedades indígenas. Sob quais novos termos estariam sendo elaboradas as etnografias e suas metodologias junto aos povos indígenas em países periféricos da disciplina, como são Brasil e Canadá? Quais temas estariam sendo enfocados e compartilhados? Quais os dilemas e desafios políticos, morais, epistemológicos, econômicos, linguísticos etc., que tem desafiado os/as antropólogos/as periféricos nestes dois contextos nacionais?

Os artigos reunidos neste dossiê permitem difundir a atualidade e relevância destas questões ao mesmo tempo que colocam a experiência colaborativa no cerne das novas práticas antropológicas em ambos países, seja entre indígenas e pesquisadores ou destes entre si, em particular quando situados em diferentes áreas disciplinares como a antropologia e a arqueologia. O itinerário de leitura estabelecido neste dossiê se

mostra elucidativo deste aspecto. O artigo de Bruce Miller propõe a apresentação de uma antropologia regional dentro do contexto canadense mais amplo: a antropologia que se pratica na Columbia Britânica no Oeste do Canadá. Em seguida, Miller propõe uma comparação com a antropologia brasileira com o objetivo de analisar o modo como elas se relacionam com as atuais lutas políticas dos povos indígenas nestes contextos. A experiência profissional de Miller nos Estados Unidos e Canadá, de um lado, somada a interação acadêmica e científica no Brasil e Canadá, de outro, oferece a ele uma situação epistêmica oportuna para ressaltar como traço comum a ambas antropologias a dialogia e o conhecimento situado como intrínsecos a atuação dos antropólogos como peritos em questões judiciais. Uma interlocução regular e até “natural” entre antropologia cultural e arqueologia (não tão comum no contexto brasileiro) permeia a reflexão proposta por Miller, que pode ser também percebida em outros dois artigos do presente dossiê. O pano de fundo da “judicialização” dos problemas indígenas, por sua vez, destaca-se como contexto social comum aos trabalhos aqui apresentados. No artigo de Cristhian Teófilo da Silva, sobressai a preocupação de Robert Paine, um dos antropólogos apresentados pelo autor, acerca do difícil papel antropológico a ser desempenhado na defesa judicial dos direitos dos povos indígenas em diferentes contextos nacionais. O outro antropólogo apresentado no artigo, Roberto Cardoso de Oliveira, guardou preocupação semelhante ao longo de toda sua trajetória, mas no âmbito do artigo, Teófilo da Silva sublinha a atenção de Cardoso de Oliveira para com os reposicionamentos morais, políticos e epistemológicos que os antropólogos somos obrigados a promover para articular nossas bagagens conceituais com as exigências das questões étnicas próprias de cada país. Nesse sentido, ao praticar sua antropologia fora do contexto brasileiro, Cardoso de Oliveira não estabelece uma continuidade em sua reflexão antropológica a partir da objetivação dos povos indígenas ou seus problemas, mas do próprio tema da etnicidade que emergiu de suas pesquisas entre estes e que no caso analisado é aplicada à *catalanidad* em Andorra. O artigo conclui constando a importância das comunidades antropológicas nacionais para formar horizontes cosmopolitas e plurais para o enfrentamento destas questões.

Os artigos seguintes são mais exemplares da importância da dialogia e colaboração interétnica e interdisciplinar como eixos na estilização das práticas etnográficas

contemporâneas no Brasil e no Canadá. O artigo de Martha Dowsley e Frederico Oliveira evidencia a noção de *entanglement* como categoria eminente da construção de relações de pesquisa junto à Primeira Nação de Lac Seul, na província de Ontário. Este “entrelaçamento” se mostra presente nas diferentes etapas da pesquisa, do desenho do projeto, ao processo de aprendizagem advindo na imersão da pesquisa de campo, levando ao ativismo e à troca de perspectivas entre pesquisadores (entre si, no caso uma geógrafa e um antropólogo) e destes com os Anishinaabe. Na verdade, menos um resultado, o “entrelaçamento” é pré-condição para o trabalho antropológico neste novo contexto de fortalecimento dos povos indígenas e seu protagonismo cultural face às culturas nacionais hegemônicas. Os povos indígenas/Primeiras Nações tem exigido cada vez mais, presencialmente e através de protocolos de pesquisa e entendimento, que os/as antropólogos/as atuem como mediadores na efetivação de direitos, assim como no resgate de bens culturais e em processos de reparação por políticas indigenistas assimilacionistas do passado. Os artigos de Gustavo Hamilton de Sousa Menezes acerca do protagonismo indígena e antropológico para reaver de museus objetos importantes para suas culturas e povos; e o artigo de Clarisse Drummond e Frederico Oliveira, apontam para a configuração de uma nova prática antropológica centrada estruturalmente em noções de dialogia, participação e colaboração.

Vemos assim, como, da problematização original de Cardoso de Oliveira, avançamos para este outro modo de pensar as “antropologias periféricas”, tomando as práticas antropológicas e as etnografias recíprocas que elaboramos com povos indígenas e Primeiras Nações enquanto estrangeiros/as em países periféricos da disciplina, como atividades essencialmente dialógicas e colaborativas.

Cristhian Teófilo da Silva, editor convidado

Frederico de Oliveira, editor convidado

## Referências

FINARDI, Kyria Rebeca; GUIMARÃES, Felipe; SANTOS, Jane Meri. A Relação entre Línguas Estrangeiras e o Processo de Internacionalização: Evidências da Coordenação de Letramento Internacional de uma Universidade Federal. Florianópolis/Pelotas/São Paulo. *Interfaces Brasil/Canadá*, vol. 16. N. 3, 2016, p. 233-255.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Metodologia interativa: um processo hermenêutico dialético. Porto Alegre: *Interfaces Brasil/Canadá*, vol. 1. N. 1, 2001, p. 67-80.